

# Yeshua no Talmude\*

Rabino Joseph Shulam

## Lição 2

Na primeira lição fizemos uma introdução e definimos, em linhas gerais, o que é o Talmude. Entretanto, há algo sobre o Talmude que poderá surpreender a muitos cristão. Essa coleção de escritos rabínicos, datando do terceiro, quarto e quinto séculos, possui, em seus textos mais antigos, referências e mesmo citações nominais a Yeshua, Jesus. Dentre as interessantes histórias que falam de Jesus, e até mesmo mencionam sua execução, separamos uma, que se encontra no Talmude Babilônico, no Tratado Sanhedrin (Sinédrio), página 43a. Essa passagem está localizada em meio a uma discussão sobre como um criminoso sentenciado deveria ser executado. Citaremos aqui, a partir da versão em inglês da edição Sonsino do Talmude, o que a Mishná diz;

Se, então, o julgarem inocente, o liberam; caso contrário, ele sairá para ser apedrejado, e um arauto o procederá [bradando]: fulano, filho de beltrano sairá para ser apedrejado por ter cometido tal e tal transgressão da qual sicrano é testemunha, quem quer que saiba algo a seu favor, deixe-o vir e declare o que sabe.

Interessante notar que, mesmo depois da declaração de culpa e da corte pronunciar a sentença, era dada a oportunidade, até o último momento antes da execução, para que uma testemunha se apresentasse e mudasse o veredito. Outro ponto importante é que o nome de quem testemunhasse contra o acusado era anunciado publicamente nas ruas da cidade antes que a execução começasse.

---

\* Originalmente publicado como: *Yeshua in the Talmud*, por Joseph SHULAM, em [http://netivyah.org.il/English%20Web/MidrashaArticles/yeshua\\_talmud2.html](http://netivyah.org.il/English%20Web/MidrashaArticles/yeshua_talmud2.html)  
Traduzido para a língua portuguesa por André Tavares Silva Santos.  
Todos os direitos em português reservados à Associação Ministério Ensinando de Sião.

Em outras palavras, uma testemunha cujo depoimento estabelecesse a culpa de alguém não poderia ter sua identidade ocultada, não havia o recurso da testemunha anônima. As fontes das informações que condenaram alguém deveriam ser públicas para evitar que uma pessoa envolvida num plano secreto ou conspiração ou uma falsa testemunha fossem aceitas como *kosher*<sup>1</sup>. Sim, pois na lei judaica nem todos servem como uma testemunha válida. No contexto histórico do Talmude, somente um homem piedoso, reto, íntegro, honesto e já respeitado pela comunidade poderia apresentar um testemunho admissível. Por isso, muitas vezes, o testemunho de uma mulher não era aceito, uma vez que se considerava que uma mulher não poderia ser uma testemunha confiável. Portanto, como dizíamos, a testemunha de acusação era anunciada publicamente, e se, após isso, alguém provasse que ela não era kosher ou trouxesse nova evidência que devesse ser considerada, então a execução que estava a caminho era suspensa.

A respeito desse tema, os rabinos do período Talmúdico debateram; e um dos rabinos, de nome Abaye, que viveu na Babilônia no quarto século, disse: “Também é necessário ser anunciado que em tal e tal dia, em tal e tal hora, em tal e tal lugar [o crime foi cometido]”. Dito de outro modo, não houve um crime “abstrato”; o crime aconteceu num dado local num dado momento, e por esse motivo a condenação deve se dar por uma testemunha específica, num lugar específico, numa hora específica. Abaye continua dizendo que no caso de haver alguém que tenha provas do contrário, então deve apresentar-se e provar que a testemunha é um *jomemim*. Jomemim, nesse caso, designa alguém que cometeu perjúrio, ou seja, que prestou falso testemunho, ou que tramou planos para a condenação de alguém.

O Talmude prossegue com a discussão e apresenta os regulamentos da Mishná a respeito do arauto. Segundo o trecho citado, ele precedia o condenado bradando: fulano cometeu tal e tal crime. Esse procedimento (o anúncio público feito pelo arauto) tomava lugar apenas imediatamente antes da execução, e nunca antes disso. Mas outra passagem cita um fato que contraria essa regra, e foi dito: “Na véspera da Páscoa, Yeshu (ou seja, Jesus) foi enforcado. Pelos quarenta dias que antecederam sua execução, um arauto saiu e anunciou: ‘Ele será apedrejado porque praticou feitiçaria e induziu Israel à apostasia’”.

Vamos rever as etapas do procedimento: o Talmude diz que, normalmente, quando uma pessoa era condenada à execução, o arauto saia adiante e anunciava seus crimes, quando e onde aconteceram,

---

1 *N.T.*: Literalmente, *kasher* ou *kosher* refere-se ao que é ritualmente puro, e é usado aqui no sentido de ilibado, insuspeito.

quem são as testemunhas e qual a execução, imediatamente antes que esta começasse. Entretanto, Jesus foi uma exceção de acordo com essa história do Talmude. Por quarenta dias antes de sua execução um arauto saiu e proclamou pelas ruas da cidade dizendo: “Ele será apedrejado porque praticou feitiçaria e conduziu Israel à apostasia; qualquer um que possa dizer algo em seu favor, deixe-o vir adiante e o defenda”. Essas eram as palavras que o Talmude afirma que o arauto disse por quarenta dias, todos os dias, antes da execução de Jesus.

E o Talmude continua, dizendo: “Porém, uma vez que nada foi alegado em seu favor, ele foi enforcado na véspera da Páscoa”. Esse relato é muito interessante, por dois motivos: primeiramente, aqui temos uma fonte rabínica, uma fonte judaica, que admite que Jesus foi enforcado por uma decisão de um tribunal judaico, e, segundo, também admite que Jesus foi enforcado na véspera da Páscoa. Esses dois fatos são muito importantes porque através dos séculos a comunidade judaica negou que Jesus foi crucificado por decisão de um tribunal judaico, e, por séculos, rabinos e eruditos judeus negaram até mesmo que Jesus existira. E aqui temos, dentro de suas próprias fontes, nas fontes rabínicas, uma clara admissão desses dois pontos: Jesus existiu, ele foi julgado por um tribunal judaico e foi executado na véspera da Páscoa.

Encontrar o reconhecimento desses fatos em fontes judaicas é muito importante, mas como podemos ver, esse relato é muito polêmico, visto que não estabelece um fato histórico, mas aparece como um exemplo de propaganda contra o Cristianismo e contra Jesus, e nós examinaremos isso na continuação dessa passagem. A história não coincide com as fontes bíblicas, com o relato que nos dá o Novo Testamento. Primeiramente, Jesus foi julgado na noite anterior à sua execução, de acordo com os evangelistas, e não quarenta dias antes. Segundo, a frase “ele foi apedrejado [ou executado] por praticar feitiçaria e levar Israel à apostasia” é freqüente e emblemática no Talmude, sendo empregada a quase todos os hereges. Embora essas não sejam precisamente as acusações levantadas contra Jesus, essas são as palavras ditas sobre todo herege: que atraiu Israel para a apostasia e praticou feitiçaria. Será interessante, nas próximas lições, perguntar por que esta frase é vinculada também a Jesus – caracterizando-o como herege.

Há outra polêmica interessante presente nessa passagem, ao afirmar que durante todos os quarenta dias o arauto saiu, anunciou, perguntou se havia alguém que tivesse algo a alegar em favor de Jesus, e que ninguém se apresentou em todo esse tempo. Em outras palavras, isso é levantado para justificar a execução de Jesus, para dizer que foram lenientes com ele, que foi dada ao público a

chance de vir e defendê-lo, mas ninguém se apresentou naqueles quarenta dias, ou seja; para dizer que foram além de sua obrigação de serem justos no julgamento de Jesus. Esse é, de alto a baixo, o propósito polêmico dessa história.

Então, um outro rabino do quarto século, chama Ulla, contesta as afirmações que foram feitas no nome de Abaye. Ulla replica: “Você supõe que ele era alguém de quem alguma defesa pudesse ser feita?” De outro modo: de acordo com Ulla, que também viveu na Babilônia no quarto século, por que o arauto foi enviado por quarenta dias se deviam saber que para um homem como Jesus nenhuma defesa poderia ser apresentada? E Ulla pergunta: “Ele não era um *Mesith* (instigador), a respeito de quem as Escrituras dizem: ‘*tu não o pouparás, nem o ocultarás*’?”. Esta é uma citação de Deuteronômio, capítulo 18, verso 9, relacionado ao que fazer com o falso profeta e ao feiticeiro.

O Talmude responde à questão de Ulla: com Yeshu (Jesus), contudo, foi diferente porque ele era ligado à realeza (em hebraico *mekurav le'malchut*). Essa é uma declaração muito estranha e lacônica. O que o Talmude sugere com essa afirmação pode ser entendido de diversas maneiras. Os tradicionais rabinos medievais, por exemplo, disseram que ele era influente, que tinha relações com o governo romano e com Herodes Antipas, nos dias de quem foi executado. Então, porque era uma pessoa importante, de acordo com essa interpretação, tiveram que proceder cuidadosamente quando o executaram. Tiveram que levar as supostas relações de Yeshu com os poderosos em consideração, e se certificaram de que ninguém os acusaria de tê-lo executado injustamente. Foi por isso que deram tantas chances e por quarenta dias enviaram o arauto adiante de Jesus, perguntando por alguém que levantasse alguma defesa a seu favor.

Entretanto, essa afirmação no Talmude talvez tenha um significado diferente. O que significa isso, que com Yeshu era diferente porque ele era ligado à realeza, *mecurav le'malchut* em hebraico? Literalmente, isso significa que ele era *próximo do Reino*, muito embora não esclareça que reino é esse. Rabinos medievais, que já haviam se deparado com o Cristianismo em sua forma mais terrível, não podiam imaginar que alguém no quarto século tivesse dito que Jesus era ligado à família real. No entanto, penso que há mais coisas escondidas do que percebemos à primeira vista quando o Talmude diz que Jesus era relacionado com *o Reino*. Alguns rabinos pensam que o real significado dessa frase (*mecurav le'malchut*) diz respeito a Jesus pertencer à Casa Real de David, ou seja, que Jesus era descendente do Rei David. Quer dizer que, nesse caso, estar *ligado ao reino* diz respeito a ser pertencente à linhagem davídica, à realeza de Israel, e é por isso que não poderiam

se apressar em executá-lo sem esses quarenta dias, que serviram de salvaguarda e para procurar por alguém que pudesse apresentar alguma defesa a favor dele. Não há somente um propósito polêmico ocultado atrás dessa declaração, mas há também uma tradição que diz que Jesus era da Casa de David e que por isso ele seria *ligado ao Reino*. É nossa opinião que essa interpretação faz mais sentido do que a anterior (que coloca Jesus simplesmente como alguém próximo ao governo de Roma ou de Herodes Antipas), visto que não encontramos outra fonte histórica que indique tal proximidade.

Joseph Klausner em seu livro *Jesus de Nazaré*, publicado por volta do início do século XX, fala sobre essa passagem do Talmude, que menciona Jesus e sua relação com a realeza (p. 27):

As autoridades do Talmude não negam que Jesus realizou sinais e maravilhas, mas os consideraram como atos de feitiçaria. Nós encontramos a mesma acusação nos Evangelhos: *'E os escribas que desceram de Jerusalém disseram, Ele tem Belzebu, e, pelo príncipe dos demônios expulsa os demônios'* (Mc 3:22 e Mt 9:34; 12:24, onde os fariseus se valem de termos similares).

Que foi como um sedutor e enganador que Jesus foi morto, está claro para os *tannaim*, em cujos dias os discípulos de Jesus se tornaram uma seita judaica separada negando muitos dos principais princípios religiosos do Judaísmo; portanto, o mestre dos discípulos, Jesus, pelo menos de acordo com esses rabinos, os iludiu e os fez se desviarem da fé judaica. Mas é notável que a *Baráita* enfatize o fato que eles não se apressaram em conduzir Jesus à morte mesmo ele sendo um enganador, e que adiaram a execução de sua sentença por quarenta dias, para o caso de alguém vir e argumentar em seu favor (uma questão surpreendente para o *amorá Ulla*).

Isso é exatamente o oposto do relato do Evangelho, de acordo com o qual o julgamento de Jesus perante o Sanhedrin (sinédrio) foi encerrado precipitadamente e a sentença apressadamente levada ao Procurador Romano. Na opinião do presente escritor, a declaração sobre o arauto tinha uma tendenciosidade óbvia, e é difícil pensar que seja historicamente factual.

Então, Klausner, muito diplomaticamente, afirma que é difícil para ele imaginar que essa afirmação

no Talmude seja uma afirmação historicamente válida, e nós já afirmamos que trata-se de uma fala propagandística encontrada nessa fonte talmúdica.

Queremos retornar a essa questão, do Talmude alegar que Jesus não somente foi executado na véspera da Páscoa por decisão de uma corte judaica, o Sanhedrin, e também ao fato de ter conhecimento de que ele era parte da realeza, da Casa de David, daí os cuidados redobrados em sua execução (ainda que essa parte do relato seja inverídica, sendo, na verdade, propaganda contra o Cristianismo). Temos aqui uma tradição transmitida dentro do Judaísmo que reconhece Jesus não como um qualquer, mas como alguém da realeza. Fica evidenciado, então, que Judaísmo e Cristianismo apresentam proximidades e certa concordância quanto a Jesus: que foi crucificado como o rei dos judeus, para os cristãos, e como alguém da Casa de David, para os judeus e segundo o Talmude.

O texto talmúdico continua a tratar sobre Jesus e seus discípulos, e há muitas questões importantes aqui que merecem ser tratadas à parte. Mas queremos retornar e reiterar ainda aqui algo sobre a importância de olhar para essas fontes externas que falam de Jesus. Naturalmente, para nós, quanto mais próximos elas estão do primeiro século, mais importantes são. Uma *Baraita* que está incorporada àquela passagem que nós tratamos, remonta, provavelmente, a algum momento do segundo ou terceiro século, mas é trazida a nós pela boca dos rabinos do quarto século. Ela guarda em si uma importante tradição repleta de pontos de contato com o relato bíblico, e deve fortalecer e reafirmar algumas verdades bíblicas, sobretudo para nós. É bem verdade que não precisamos da afirmação de fontes rabínicas para fortalecer nossa fé, pois esta é sustentada por D'us e pela Palavra de D'us tão somente. O Talmude não é parte das Escrituras, da Bíblia, mas os debates dos rabinos guardados nele contêm importantes referências cruzadas que mostram duas coisas: como o povo judeu aborda o Evangelho; e porque, ocasionalmente, mostram que os fatos básicos do Evangelho não podem ser negados nem mesmo pelos rabinos judeus que viveram nos momentos mais sombrios do Cristianismo.

A idéia de que Jesus foi acusado ou condenado por praticar feitiçaria e conduzir Israel à apostasia traz em si mesma algo muito interessante: também no Novo Testamento os fariseus tentaram acusar Jesus de expelir demônios no nome de Belzebu, no nome do diabo, como vimos acima na citação de Klausner. Não foi possível negar que esses fatos realmente aconteceram, que os milagres aconteceram, que Jesus expulsava demônios, mas era preciso explicar isso de outra maneira, e o fizeram dizendo que Jesus fazia isso por meio de poderes de feitiçaria. Então, tentaram dizer que aqueles sinais eram atos do diabo, mas isso é refutado pelo Novo Testamento. Durante o período

talmúdico, os próprios sábios reconhecem que esse argumento não se sustenta, e então criaram todos os tipos de fábulas para explicar como Jesus conseguiu aqueles poderes. Trataremos de algumas dessas fábulas nas lições posteriores, mas deixe-nos apenas recuperar esse reconhecimento, dentro do próprio Talmude, de que Jesus realmente realizou milagres e sinais pelo poder do Nome do Altíssimo, o tetragrama, as quatro letras que formam o nome que é transliterado, freqüentemente, em português por Jehovah, ou Yaveh.

Uma fábula que se encontra, tal como está descrita aqui, num livro chamado *Toldot Yeshu*, ou A História de Jesus, diz que Jesus, quando era um menino em seu *bar mitzva*, foi a Jerusalém com seus pais e debateu com os rabinos e sacerdotes do templo, e que sorrateiramente entrou no Santo dos Santos, e ouviu os anjos pronunciando e usando o nome de D'us. Como ele era um garoto precoce e esperto, sabia que, caso sobrevivesse, os anjos apagariam sua memória. Então ele escutou e riscou a pronúncia do Nome de D'us em um pedaço de couro, cortou a si mesmo e colocou esse pedaço de couro sob sua pele, logo após usou o nome de D'us para curar o ferimento. Depois, quando saiu do Santo dos Santos, de acordo com essa fantástica e inacreditável história, os anjos apagaram sua memória, e não se lembrava mais do Nome de D'us, nem como pronunciá-lo, mas se lembrava que havia cortado a si mesmo e inserido alguma coisa sob sua pele, e, claro, abriu o local do corte outra vez, e tinha, então, outra vez, o poder do Nome de D'us.

Essa história interessante salienta duas coisas: reconhece que Jesus realmente fez milagres, e nem os sábios puderam negar isso. Segundo, porque Jesus fez coisas boas, ele não poderia tê-las feito por outro poder, como por feitiçaria, que não pelo Nome do Senhor. Ele curou pessoas, ressuscitou os mortos, abriu os olhos dos cegos, purificou os leprosos, etc. Quem fez todas essas coisas poderia ser alguém mau, praticante de feitiçaria e apóstata? Portanto, se aquelas foram ações boas, poderiam ter sido feitas unicamente pelo Nome de D'us, e essa fábula é uma tentativa de explicar como Jesus conseguiu aprender o Nome de D'us.

Os sábios do Talmude não puderam negar essas coisas, e na história eles precisaram explicá-las por meio dessas fábulas fantásticas, e esse fato deve ser para nós encorajador: saber que mesmo hoje nós não podemos negar o poder de D'us em Jesus Cristo.